

As Duas Dimensões da Entrevista Jornalística: Técnica e Gênero¹

Míriam Santini de ABREU²

Universidade Regional de Blumenau (FURB-SC)

Resumo

O objetivo do artigo é revisar criticamente o conhecimento sobre a entrevista jornalística em sua dupla dimensão, de técnica para a obtenção de informações e de gênero jornalístico informativo. Essa revisão nutre-se do conhecimento próprio do jornalismo e também das contribuições da história oral e da linguística, que permitem uma compreensão mais ampla de um processo fundamental na teoria e na prática jornalísticas.

Palavras-chave

Jornalismo; Gêneros; Entrevista; História Oral; Linguística.

A entrevista se apresenta no jornalismo de duas formas: como técnica e como gênero. Como técnica porque a apuração e a reconstrução de um fato no texto dependem da conversa com pessoas. Além delas, o jornalista pode recorrer aos documentos em geral (livros, relatórios, banco de dados) e ao que é capaz de observar e apreender através de seus cinco sentidos. Mas é a entrevista que abre o texto para a voz do outro - seja pelo discurso direto ou indireto – marcando a diferença da notícia e da reportagem em relação aos textos opinativos, como o editorial e o artigo. É como gênero, no entanto, que a entrevista se apresenta nos seus resultados mais complexos: o formato pergunta-resposta, também chamado de pingue-pongue, e a reportagem-perfil, enquadradas no jornalismo informativo.

A maioria dos livros sobre a entrevista escritos por jornalistas e pesquisadores na área de comunicação, principalmente os Manuais de Redação, ensinam técnicas. Os estudantes, já nas fases iniciais do curso de graduação, são orientados a se identificar para o entrevistado, informar o objetivo da conversa, anotar ou gravar – se for necessário – as respostas, fazer perguntas curtas e uma de cada vez, sem expressar opinião. A revista *Playboy*, famosa por suas entrevistas, norteia-se por 15 regras, entre as quais a de que o repórter seja “frio, sem compaixão” (RIBEIRO, 2005, p.313). As outras 14 são mais úteis

¹ Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos, XIV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Docente na Universidade Regional de Blumenau (FURB-SC), email: misabreu@yahoo.com.br

para a atividade se comparadas às dos manuais, mas não dão respostas às dúvidas que aparecem assim que os estudantes iniciam as primeiras entrevistas mais longas.

Na literatura disponível sobre o assunto e na prática profissional percebe-se que a entrevista tem diferentes níveis de complexidade, revelados em circunstâncias distintas que inspiraram classificações como as feitas por Cremilda Medina e Edgar Morin. De uma forma geral, as entrevistas podem ser agrupadas da seguinte forma:

1- com uma ou mais pessoas escolhidas de forma aleatória para conhecer a opinião sobre um determinado assunto, cujo resultado é chamado de enquete. É o caso, por exemplo, de mudanças no trânsito ou alterações em rotinas de serviços públicos.

2 – com pessoas que sejam conhecidas por uma atividade específica na política, na arte, no esporte, na moda, a partir de um fato específico (o lançamento de um livro, de uma peça, a compra do passe de um jogador) ou de um interesse mais difuso (a separação de um casal conhecido, uma polêmica qualquer no chamado mundo dos espetáculos).

3 - com pessoas que, pelo cargo que ocupam ou conhecimento que têm, ou que, por serem protagonistas ou testemunhas de um fato, possam enriquecer a interpretação cristalizada na notícia ou reportagem. Parte expressiva das entrevistas enquadra-se nesses casos, como a repercussão de medidas políticas e econômicas, a apuração de acidentes em geral e de fatos protagonizados por grupos sociais.

4 – com pessoas que, independentemente de fatos, despertem interesse por suas opiniões, feitos pessoais, experiências profissionais. O resultado tanto pode ser uma notícia ou reportagem que desenvolvam o tema tratado pelo entrevistado, no qual ele vai ser apenas mais um a figurar, quanto uma entrevista pingue-pongue no qual ele destaque aspectos pessoais e/ou profissionais. Essas entrevistas mais aprofundadas é que também permitem a construção da reportagem-perfil,

Técnicas e regras de manuais até ajudam no caso da redação de notícias e reportagens. Em parte expressiva de jornais e revistas, tais entrevistas têm conteúdo raso e apenas completam um ritual, tanto que Morin (1973) usa a expressão *entrevista-rito*. É o caso, citado por ele, do campeão que diz estar contente com a vitória. O resultado desse tipo de entrevista aparece também em notícias e/ou reportagens que usam, como costuma dizer Tavares (2004, p.20), o personagem-rito: para não iniciar o texto com lead baseado na resposta às seis perguntas, o repórter abre o primeiro parágrafo com um personagem, que é abandonado logo em seguida para dar lugar a outras fontes. O entrevistado passou de fonte à personagem apenas para cumprir o ritual de “ouvir um personagem”.

Em relação às duas últimas classificações, entrevistas pingue-pongue e reportagem-perfil, porém, o repórter precisa ter mais conhecimento teórico tanto sobre a entrevista em si quanto sobre a construção do texto. É necessário refletir sobre esse gesto aparentemente tão natural da atividade jornalística porque, no caminho que vai da entrevista à publicação, há uma série de implicações. Para pensar sobre elas, a história e a linguística tem contribuições interessantes. A primeira propicia discussões sobre a entrevista em si; a segunda auxilia o estudante a ser crítico em relação ao uso do conteúdo da conversa em um texto.

A entrevista jornalística para os meios impressos não é uma conversa qualquer. Ela tem um objetivo e se concretiza em um texto, mas vai além da mera busca de informação. Morin diz que ela também é um fenômeno psico-afetivo, tornado complexo ao se fundar no que ele considera a mais duvidosa e rica das fontes, a palavra. Esse aspecto explica certas técnicas rasas indicadas por Manuais de Redação: ser cortês e conquistar a simpatia do entrevistado. É certo que uma pessoa não se abre com quem não lhe desperta simpatia, muito menos repórteres. Mas a questão não se esgota em ser ou não simpático. Morin aponta fatores que podem perturbar o entrevistado, dentre os quais um é vital no jornalismo:

No que concerne às questões de opinião e de convicção, a consciência fraqueja gradualmente, na medida em que se penetra na motivação. Em regra geral a motivação é obscura para o entrevistado, ou é solidamente mascarada por um sistema de racionalização. [...] Interrogado sobre o porquê de suas opiniões, o entrevistado fornece apenas os sistemas de racionalização que ele secreta em resposta à investigação. (MORIN, 1973, p.121)

O autor observa que a entrevista aciona o sistema de defesa do entrevistado, mas acaba por acontecer porque, conforme a contribuição do psicoterapeuta estadunidense Carl Rogers, as pessoas rompem seu sistema de defesa pela pura necessidade de se exprimir. E é no entremeio desse duplo desejo do entrevistado, de se proteger e de se expor, que o jornalista trabalha. Por isso se pode dizer que a entrevista é o entrevistado, porque o seu resultado - o texto – expressa também essa dualidade.

Ao tratar do conceito de jornalismo libertador, Tavares (2004, p.20) enriquece essa compreensão ao falar sobre a relação entre o jornalista e aquele com o qual ele conversa para reconstruir os fatos na notícia ou reportagem. A autora observa que deve haver uma relação entre dois sujeitos, e assim rejeita o tratamento de “fonte”, que coisifica o entrevistado ao transformá-lo em mero objeto da atenção do repórter.

A relação entrevistador-entrevistado e suas implicações é bastante estudada na história dentro da chamada história oral³. Apesar de os objetivos dessa metodologia de pesquisa serem diferentes dos do jornalismo, há certos aspectos que podem ajudar o repórter a compreender que a entrevista não se resolve apenas com algumas técnicas e normas. Rouchou observa que tanto o oralista quanto o jornalista se preocupam com minúcias ao preparar o documento/texto com o resultado do trabalho, mas a difusão do material cumpre um papel que necessariamente não se coloca para o historiador. O jornalista deve publicar, e com tempo marcado, e o texto se dirige a um certo perfil/leitor que varia conforme o meio; o historiador não trabalha, em princípio, com tais determinações (ROUCHOU, 2003, p.7).

Outra questão apontada pela autora é que o oralista deve se preocupar em ser o mais fiel possível às palavras e à situação. A entrevista é transcrita com poucas alterações. Já o jornalista segue as normas do texto jornalístico: corta trechos, muda a ordem das respostas, funde perguntas e respostas, sem com isso ferir as regras estabelecidas com o entrevistado (ROUCHOU, 2003, p.11). É certo, porém, que esse processo tem consequências, afetando às vezes o sentido do que foi dito, fronteira que o jornalista não pode atravessar.

Como metodologia, a história oral suscita inquietações que também devem preocupar os jornalistas. Hall (1992, p.157) observa que a história oral não é história espontânea - experiência vivida em estado puro - porque as entrevistas não revelam necessariamente a experiência direta dos informantes, e sim o resultado do trabalho que a memória faz com essa experiência. A memória, diz o autor, não é um fenômeno exclusivamente individual, e sim resultado de determinações sociais complexas. Outra questão é que o entrevistado pode transferir opiniões atuais para o passado, revelando uma certa “presciência” ou “editando” posições tomadas no passado para melhor combinarem com as do presente. Um terceiro alerta do historiador é fundamental para os jornalistas. Ele diz que a forma como uma pergunta é formulada pode influir na resposta. Historiadores, assim como repórteres experientes, são capazes de sair de uma entrevista tendo ouvido exatamente o que desejavam ouvir.

Morin (1973, p.125) diz que a liberação da energia psico-afetiva em entrevistas em profundidade se traduz por um fluxo de comunicação onde o real e o imaginário podem se

³A página do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas, <http://www.cpdoc.fgv.br>, traz uma série de informações sobre história oral, uma metodologia de pesquisa que usa entrevistas gravadas com pessoas que podem dar testemunho sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea. Foi introduzida no Brasil na década de 1970.

mesclar, pois “[...] a pessoa dirá ao mesmo tempo o que ela é, o que acredita ser [...], e o que desejaria ser. O fluxo da comunicação pode ser uma torrente de comédia-sinceridade. [...]”. Por isso é que, como o historiador, o jornalista precisa aplicar ao resultado da entrevista métodos de checagem das informações, ampliando a etapa de apuração.

Em suas 15 regras, a revista *Playboy*, por exemplo, recomenda que o repórter nunca marque a conversa com o entrevistado sem ter feito pesquisa e leitura. Os profissionais da publicação também levam cerca de três meses para fazer uma entrevista, e são preparadas de 160 a 200 perguntas. Esse cuidado possibilita que o repórter efetivamente construa um diálogo - como preconiza Medina (2000) - com a pessoa que ele procurou, e não simplesmente busque informação e/ou opinião, como é o mais comum em entrevistas por telefone e em enquetes.

Os desafios apontados pelos oralistas ficam ainda mais complexos ao se constatar que ao jornalista não basta perguntar. Frattini e Quesada (1994) dizem que ele precisa ouvir, observar, responder e recordar, e deve manter o ritmo, o tom e interesse do ato da entrevista. Certos jornalistas ficaram famosos pela capacidade de reunir esses atributos em suas entrevistas, como é o caso da italiana Oriana Fallaci, que publicou duas coletâneas com os melhores textos que produziu. Na introdução de uma delas, *Os antipáticos*, ela reflete sobre o próprio trabalho:

Ouvir alguém falar não é como tornar a ouvi-lo através de uma máquina: o que ouvimos quando temos um rosto diante de nós nunca é o que ouvimos quando, diante de nós, há uma fita que gira. Um reluzir de olhos, um agitar de mãos, às vezes, torna aceitável a frase mais idiota: mas sem aquelas mãos, sem aqueles olhos, a frase se desnuda em toda a sua desconcertante idiotice. Reparei nisso quando me dei conta de outra coisa importante: que as frases reproduzidas não bastam para dar a idéia de quem fala, o contorno dos seus traços, a roupa que está usando, os gestos que faz, o retrato completo, enfim. (FALLACI, s/d, p.6).

Desconcertante é a entrevista que ela fez com Geraldine Chaplin, reproduzida no livro. Fallaci conta que, durante a conversa, não parou de olhar as duas pintas que a filha de Charles Chaplin exibiu sob os olhos, como duas “lágrimas negras”. A jornalista também revela: “E por causa das coisas que ela disse esqueci de perguntar-lhe exatamente o que mais me interessava: se amava aquele pai” (FALLACI, s.d., p.210).

A revista *Realidade* publicou, em 1968, uma entrevista de Fallaci feita ao longo de duas horas com um líder vietcong. O pingue-pongue tem 18 perguntas cujas respostas, lidas

quase 40 anos depois, trazem à tona, sussurradas no “eterno acontecer” dos grandes textos jornalísticos, a palavra de um homem condenado à morte:

O.F. - Sam, gostaria que você me falasse do atentado ao My Canh. Como se sentiu após ter matado aquela gente?

N.V.S. – Senti-me bem, do mesmo modo que deve sentir-se um piloto americano depois de largar umas bombas sobre uma aldeia indefesa. [...]

[...]

O.F. – Queria fazer-lhe mais duas perguntas que poderão parecer-lhe ingênuas. Uma delas: você nunca se divertiu?

N.V.S. Quando era menino, diverti-me com o meu cão. Gostava dele, porque, quando um estranho se aproximava da nossa choupana, ele latia.

[...]

O.F. – Obrigada, Sam. Que posso desejar-lhe?

N.V.S.- Deseje-me morrer bem. Que eu tenha força para levantar-me naquele processo e dizer as coisas. [...] (FALLACI, 1968).

Os trechos reproduzidos evidenciam dois aspectos aos quais estudantes de jornalismo devem ficar atentos ao fazer entrevistas. O primeiro é observar com atenção. Fallaci notou as pintas de Geraldine Chaplin e o ar trágico que aqueles pontos negros conferiam ao rosto dela. As perguntas que ela faz são sinuosas, algumas montadas com pequenas armadilhas, e as respostas às vezes evasivas da entrevistada, às vezes lacrimosas ou subitamente enérgicas, são mais ricamente ilustradas pela imagem que o leitor forma à menção das tais pintas.

O segundo aspecto é saber ouvir. Parece óbvio, mas basta observar jornalistas em uma coletiva de imprensa para observar comportamentos flagrantes de desrespeito pelo entrevistado. Nesse ponto é necessário separar as distintas situações de entrevista. Se o profissional tem 15 minutos para obter uma declaração ou o resumo de um evento, ou se usa o telefone para conversar com alguém e checar informações, será impossível estabelecer um diálogo genuíno com a pessoa. Nesses casos, o alvo da entrevista não é a pessoa em si, mas o que ela tem a dizer, e sem profundidade. Então será desnecessário, em princípio, ou impossível, se a conversa for por telefone, observar trejeitos, evasivas, afirmações vacilantes. Ainda assim, o jornalista terá que prestar atenção porque, em muitos casos, terá 15, 20 minutos para obter as informações e construir o texto.

Com relação a entrevistas em profundidade, exige-se concentração máxima. Mesmo em textos com formato pingue-pongue nos quais o objetivo é ouvir a pessoa pelo que ela tem a dizer, sem ênfase em aspectos pessoais, o jornalista precisa ficar atento a sinais que

revelam declarações contraditórias ou mentiras. É preciso uma entrega plena ao ato de entrevistar, como assinala Campos:

Trata-se, com efeito, de exigir do entrevistador uma concentração especialíssima sobre o que está ouvindo, uma capacidade de percepção do real muito superior ao que normalmente chamamos de "prestar atenção".

[...]

Muitas vezes o repórter está participando de uma entrevista mas está tão distante, tão distraído, tão desligado que não é capaz de perceber o que significa uma variação de voz, um gesto nervoso do corpo, uma frase inacabada, uma pausa inexplicável, uma referência extemporânea, uma lágrima inesperada ... e pode até passar batido diante de uma revelação extraordinária...só porque ela não estava na pauta. (CAMPOS, 2014, s/p.)

Ao longo da entrevista, e especialmente quando o entrevistador já conquistou a confiança do entrevistado, um simples revirar de olhos, um franzir na testa do entrevistador, pode “cortar” uma declaração mais profundamente guardada ou frear o desejo de uma confissão. Mesmo em conversas entre amigos, esses sinais são tomados como desinteresse ou desaprovação. Em conversas com jornalistas, tais sinais são potencializados, e o sistema de defesa fala mais forte do que o desejo de se expressar. Portanto, quem ouve precisa efetivamente querer ouvir.

Outro ganho do profissional que ouve com atenção é a capacidade de burilar o texto final com verbos *dicendi* mais adequados às declarações do entrevistado. É possível sair do “dizer”, “afirmar”, “declarar”, desde que o jornalista busque, no verbo, efetivamente expressar o estado de ânimo da pessoa ou o “tom” do que ela falou, como ensina Vilas Boas:

Como seres humanos, os personagens podem reclamar (ou chorar), vociferar, implorar, exaltar, esbravejar ou espernear. Tudo depende do tom em que ele ou ela dizem alguma coisa. São muitos os verbos que, além de darem um toque de beleza ao texto, transmitem informações interessantes sobre o personagem. (VILAS BOAS, 1996, p.20).

É possível afirmar que há três etapas fundamentais na construção de uma entrevista pingue-pongue: a pauta, a entrevista propriamente dita e a construção do texto. Esta última etapa implica tantos desafios quanto as duas primeiras, e talvez seja a que menos receba atenção em Manuais de Redação e bibliografias em geral na área de jornalismo. As reflexões mais críticas aparecem em áreas como a Análise de Discurso e a Linguística. Para os jornalistas, as questões que exigem respostas são várias: como e onde “cortar” a

conversa? O que manter e deixar de fora? Onde unir trechos e diferentes respostas? E a mais inquietante de todas: como não mudar o sentido das respostas do entrevistado e manter a fluência e beleza do texto? Tais respostas remetem ao escrito de Guimarães Rosa: “A colheita é comum, mas o capinar é sozinho”. O resultado final – o texto – vai parecer, aos leitores, espontâneo, “redondo”, como se fosse a única versão possível daquela conversa entre dois seres humanos. Mas somente o jornalista sabe que tal resultado é o ponto final de um processo complexo de “capinares”: cortes, fusões, reescrita.

Medina fala sobre o processo:

Desenvolver o encadeamento de perguntas, interferências, interrupções, reorientações no discurso do entrevistado é, sem dúvida, a demonstração de um desempenho maduro do repórter. E dessa evolução da entrevista vai depender, em grande parte, o resultado final quando ela for montada na matéria comunicacional. (MEDINA, 2000, p.29)

Na linguística, Marcuschi (2007, p.46) dá o nome de retextualização ao conjunto de operações que envolvem a passagem de um texto falado para um texto escrito. O autor observa que a escrita não consegue reproduzir uma série de fenômenos da oralidade, como a forma de acentuar e dar entonação às palavras (a prosódia), a gestualidade, o movimento do corpo e dos olhos. Apesar disso, diz ele, a escrita tem seus próprios elementos para enfatizar o que deseja e que estão ausentes da fala, como o tamanho e tipo da letra, cor, formato, elementos pictóricos que operam como gestos, mímica e prosódia graficamente representados.

Para jornalistas, é importante compreender a distinção que Marcuschi faz entre a transcrição e a retextualização. A primeira envolve a passagem de um texto “sonoro” para a forma gráfica numa série de procedimentos convencionalizados, que não interferem de forma significativa na linguagem e no conteúdo do discurso produzido. É como faz o historiador que trabalha com história oral. Já a retextualização faz uma interferência bem maior.

Em seus estudos, o autor utilizou um modelo que apresenta nove operações textuais-discursivas na passagem do texto oral para o escrito. A análise de cada uma delas revela que o jornalista recorre às nove para fazer entrevistas em formato pingue-pongue, atingindo o auge de maturidade linguística ao completar a nona operação, que é agrupar argumentos condensando ideias (estratégia de condensação). O autor cita estudos que mostram que, em textos de divulgação científica produzidos por jornalistas, há casos em que a redução da

entrevista com o cientista beira, em média, 86%, sendo que apenas 14% do que foi dito é publicado.

Esse processo tem uma série de consequências. Uma das apontadas por Marcuschi é o falseamento, um acréscimo ao texto escrito a partir de uma compreensão equivocada do texto falado. Outra é a perda de elementos do texto oral, como indícios de humor, deixando o texto escrito excessivamente asséptico. Segundo o autor,

Há, no entanto, casos de retextualização em que não se pode falar em falseamento, mas em interpretação. Sequer é possível fazer um cotejo para verificar o tipo de mudanças operadas. Trata-se de uma retextualização em que se vai de um gênero a outro, com uma séria de consequências. Não é uma atividade fácil, pois exigirá uma atividade interpretativa muito mais desenvolvida. Esta é a posição mais comum no caso dos jornalistas no seu afã diário. (MARCUSCHI, 2007, p.103)

A questão da perda do humor, do “silêncio”, da tensão ou descontração que marca as boas entrevistas, é um problema para o jornalista. Para resolvê-lo no texto usam-se artifícios gráficos como os três pontos (...), indicações entre parênteses - (risos) - ou descrições: fumou oito cigarros, interrompeu a conversa aos prantos... Há, porém, questões que exigem mais cuidado. Uma delas é como tratar o que Marcuschi chama de evidências socioletais. Basta o profissional questionar-se sobre o porquê de manter expressões como “tá” ou “né” em algumas entrevistas pingue-pongue e perfis e em outras não, ou decidir manter ou ignorar, dependendo do entrevistado, erros de fala em relação à chamada “fala culta”. Muitas vezes, tais escolhas revelam preconceitos do jornalista mascarados de “decisão editorial”. Manter ou não marcas de dialeto ou regionalismo também se revela algo mais distante da naturalidade e neutralidade com as quais muitos profissionais lidam com a retextualização.

Um exemplo simples usado por Marcuschi mostra como o falante emite sinais fonéticos que o ouvinte, no caso o jornalista, identifica como focos de editoração:

Texto original falado:

o meu pai não... **o meu pai já é uma pessoa...** ah, ele... já... é uma pessoa **muito fechada... e... triste...**

Texto editorado:

o meu pai já é uma pessoa muito fechada e triste. (MARCUSCHI, 2007, p.56)

Trata-se da operação mais básica de retextualização, a estratégia de eliminação, pela qual são retiradas hesitações e partes de palavras. Mas há operações bem mais complexas,

como as envolvidas em outro exemplo citado pelo autor. Ele utiliza trecho de uma entrevista feita pela *Playboy* com um músico brasileiro, que depois gerou reclamação por parte do músico e resposta do jornalista que o entrevistou:

Entrevistador: Você já teve transa homossexual?
Entrevistado: Não, nunca.
Entrevistador: Nem quando criança, troca-troca?
Entrevistado: Não, nem criança.

Texto publicado:
Entrevistador: Você já teve transa homossexual?
Entrevistado: Não, nunca, nem mesmo em troca-troca quando eu era criança.
(MARCUSCHI, 2007, p.70-71)

O entrevistado reclamou dos adornos às suas declarações, e reproduz-se abaixo parte da resposta do jornalista, que é citada e analisada por Marcuschi:

Com o aval da concordância expressa do entrevistado e em nome da concisão, as duas perguntas foram fundidas em uma só. Não há nisso nenhum mistério nem ato condenável. (MARCUSCHI, 2007, p.71)

A resposta revela o quão profundo pode ser o abismo que separa o falado do escrito, e como são naturalizados, entre os jornalistas, processos que deveriam ser mais estudados e compreendidos. Se o trecho for analisado do ponto de vista da história oral e da linguística, pode se dizer que a segunda resposta do músico foi enfática: “Não, nunca”. Na retextualização feita pelo entrevistador, a ênfase se perde, e fica a impressão de que o músico teria lembrado de algo da infância, que buscou “apagar” no discurso com o acréscimo que foi indevidamente colocado na resposta, o “nem mesmo”. Palavras feiticieras! Marcuschi analisa o processo:

O entrevistador reclamou de palavras postas em sua boca que não eram dele e o entrevistador justificou a fusão de perguntas e respostas como ato lícito. Trata-se de uma operação cognitiva em que o entrevistador inferiu como pertinente fazer um enunciado em que duas perguntas e duas respostas apareceram fundidas. No caso, não se tratava de um acréscimo ou reinterpretação, mas atribuição de fala. Se fosse um discurso indireto, teria sido menos acintosos aos olhos do entrevistado. O problema é que, além de haver uma operação de transformação com acréscimos e fusões, há ainda a atribuição de autoria desse mesmo segmento. Baste isso para mostrar como a retextualização é perigosa. (MARCUSCHI, 2007, p.71)

Acolher discussões nascidas na linguística e na história pode ajudar o jornalista a compreender as nuances de sua mais básica forma de capturar informação, até porque, em larga medida, as decisões sobre a retextualização cabem a ele. Dois exemplos, um deles uma entrevista pingue-pongue e outro uma reportagem-perfil, ajudam a compreender como a passagem do texto oral para o escrito pode ter graus diferentes de sucesso, tanto do ponto de vista da qualidade do texto quando na apreensão da “essência” do entrevistado.

O primeiro texto é uma entrevista de Oriana Fallaci com Dom Helder Câmara publicada na antologia *Entrevista com a história*. Nele, Fallaci pergunta:

Dom Helder, não há palavra mais utilizada que a palavra justiça. O que entende você por justiça?
Justiça não significa impor a todos uma mesma quantidade de bens e de idêntica maneira. Seria atroz. Seria como se todos tivessem o mesmo rosto e o mesmo corpo e a mesma voz e o mesmo cérebro. Eu creio no direito de ter rostos diferentes e corpos diferentes e vozes diferentes e cérebros diferentes. (FALLACI, 1978, p.544).

A aliteração do “e” na seqüência da resposta dá musicalidade ao trecho, e uma ênfase diferente da produzida se a jornalista escrevesse: *Seria como se todos tivessem o mesmo rosto, corpo, voz e cérebro. Eu creio no direito de ter rostos, corpos, vozes e cérebros diferentes.*

Outro exemplo é a reportagem-perfil de Dom Pedro Casaldáliga feita por Laura Greenhalgh para *O Estado de S.Paulo*. Ela utiliza discurso direto e indireto, mas, em vez de usar aspas para atribuir fala, opta por entregar parágrafos inteiros ao personagem, os quais são destacados em itálico. O contraponto permite que, no discurso indireto, a jornalista mescle histórias de Dom Pedro e da prelazia de São Félix do Araguaia, descrições do espaço geográfico onde ele vive, os conflitos com a Igreja, o dedicado trabalho de organização do arquivo da prelazia. No final do texto, a repórter brinda o leitor com a mais deliciosa descoberta que fez sobre seu entrevistado:

Gosta é de brincar com palavras. Aprecia a precisão das frases de pára-choque de caminhão e as sacadas de certas propagandas. Seria publicitário se não fosse padre. Ante a incredulidade da jornalista, oferece um hai-kai, embalagem de suas convicções.

Tudo é
Relativo.
Menos Deus
E a fome. (GREENHALGH, 2006, p.J8)

São textos como os citados que fazem as palavras “colarem” no corpo e na memória do leitor. A polissemia, a pluralidade de sentidos que propiciam, revela a beleza que o texto jornalístico pode atingir, a imensidade de reações que ele pode provocar no leitor. Thomas Mann, no livro *José e seus irmãos*, se expressa poeticamente a respeito da palavra, matéria-prima do jornalista e de seu trabalho, e evoca o motivo pelo qual as pessoas se deixam entrevistar:

Pode-se sufocar e anular um acontecimento com um silêncio que se põe por cima dele como uma pedra. Então, faltando-lhe o ar e a luz, perde o fôlego e deixa de ser um acontecimento. Crede-me, assim terminam muitas coisas que se passaram, contanto que a respeito delas se guarde silêncio sepulcral, já que nada pode subsistir sem o sopro da palavra.

O sopro da palavra... O presente artigo, ao revisar criticamente o conhecimento sobre a entrevista jornalística, sustenta que o conhecimento próprio do jornalismo, aliado às contribuições da história oral e da linguística, permitem uma compreensão mais ampla de um processo fundamental na teoria e na prática jornalísticas. Nesse sentido, também o ensino do jornalismo deve incorporar essas diferentes perspectivas propiciadas por outras disciplinas para aprofundar a discussão sobre a dupla dimensão da entrevista, de técnica para a obtenção de informações e de enquadramento no gênero jornalístico informativo.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, Pedro Celso. A Entrevista no Jornalismo Literário Avançado. **Observatório da Imprensa**. Disponível em <<http://www.observatoriodaimpresa.com.br/artigos/da060120042.htm>> Acesso em 10 jun. 2014.

FALLACI, Oriana. **Os antipáticos**. Rio de Janeiro: Sucessos Internacionais, s.d.

_____. Este homem é um vietcong: entrevista exclusiva com um condenado à morte. **Revista Realidade**. n. 24, ano 2, mar. 1968.

_____. **Entrevista com la historia**. Barcelona: Noguer, 1978.

FRATTINI, Eric; QUESADA, Montse. **La entrevista: el arte y la ciência**. Madrid : Eudema, 1994.

GREENHALGH, Laura. As veredas de Pedro. **O Estado de S.Paulo**. Caderno Aliás. 15 out. 2006, p.J8.

HALL, M. Michael. História oral: os riscos da inocência. In.: Vários autores. **O direito à memória:** patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: Departamento de Patrimônio Histórico, 1992, p. 157-160.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Da fala para a escrita:** atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2007.

MEDINA, Cremilda. **Entrevista:** o diálogo possível. SP: Ática, 1986.

MORIN, Edgar. A entrevista nas Ciências Sociais, na rádio e na televisão. In: MOLES, Abraham et alii. **Linguagem da cultura de massa.** Petrópolis: Vozes, 1973.

RIBEIRO, Luiz (org. e ed.). **As 30 melhores entrevistas de Playboy** [ago.1975 – ago. 2005]. São Paulo: Editora Abril, 2005.

ROUCHOU, Joëlle. Ouvir o outro: entrevista na história oral e no jornalismo. **Intercom.** Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/navegacaoDetalhe.php?id=42120>> Acesso em 10 jun. 2014.

TAVARES, Elaine. **Jornalismo nas margens:** uma reflexão sobre comunicação em comunidades empobrecidas. Florianópolis: Cia. dos Loucos, 2004.

VILAS BOAS, Sergio. **O estilo magazine:** o texto em revista. São Paulo: Summus, 1996.